

H

há edifícios que definem a vida cultural das cidades. Em Nova Iorque, boémia e criação (também autodestruição) artística consubstanciavam-se no Chelsea Hotel. Inaugurado em 1885, na Rua 23 — que marcava então a fronteira entre a metrópole abastada e os bairros insalubres de Lower Manhattan onde se acumulavam os imigrantes —, funcionou como um polo de atração para escritores, atores, músicos e pintores. O artista plástico ainda não tinha sido inventado e o arranha-céus também não; com 12 pisos, o Chelsea era o prédio mais alto da cidade. Um dos seus primeiros fás terá sido Mark Twain, que escolheu o Chelsea para sede da sua tertúlia; uma das últimas será Rita Barros, a artista portuguesa que há 40 anos vive no apartamento 1008, o mesmo onde Arthur C. Clarke escreveu o guião de “2001: A Space Odyssey” para o filme de Stanley Kubrick. A lista de hóspedes permanentes ou de longa duração é um *who’s who* da cultura americana do século XX, alta e baixa, da esquerda à direita, famosa e infame. O dramaturgo Arthur Miller curtiu a separação de Marilyn Monroe escrevendo “After the Fall” (1964) no apartamento 614 do Chelsea; Nancy Spungen, a namorada de Sid Vicious (dos Sex Pistols), foi assassinada à fachada no quarto 100 em 1978.

A obra — não apenas fotográfica — de Barros esteve quase sempre focada no que tem à sua volta. No início, distinguiu-se pelos retratos de artistas com ou sem ligações ao Chelsea. (Ainda há menos de um mês, o “New York Times” usou uma foto de Rita Barros para ilustrar a necrologia de Allen Midgette, o sócio de Andy Warhol que imperfonificara o artista numa digressão de conferências por universidades americanas em 1967.) O Chelsea sempre foi para Barros a sua ‘bolha’ boémia, para usar uma palavra muito em moda em tempos de confinamento. Em 1999 publicou “Fifteen Years: Chelsea Hotel”, uma coleção de retratos dos seus vizinhos e amigos e de visitantes



RITA BARROS

Rita Barros separou-se de mobiliário e objetos, fotografando-os antes do exílio. Hoje, o apartamento 1008

Requiem pelo Chelsea

Rita Barros apresenta em Cascais uma exposição multimédia sobre a morte de um mito: o Chelsea Hotel, de Nova Iorque

TEXTO JORGE CALADO



Um dos primeiros fãs do Chelsea terá sido Mark Twain, que o escolheu para sede da sua tertúlia. Uma das últimas será Rita Barros, a artista portuguesa que há 40 anos vive no apartamento 1008



está decorado com as respetivas cópias em papel. Em Cascais, um 'livro-acordeão' (aqui documentado) aparece aberto ao longo dos seus 12 metros

notórios captados nos microcosmos dos seus quartos ou apartamentos. Imagens que são páginas de um diário ou teatro ao vivo, em casa e em pessoa. Quando a mente “viaja sozinha por estranhos mares de pensamento”, não é preciso sair de casa para criar uma obra de arte. Em 2001, Barros registou o atentado coletivo contra as Torres Gémeas. Dez anos depois, o hotel era vendido e rebrandava com a bolha ‘chelseana’. O marco histórico – New York City Landmark desde 1966, com direito a integrar o Registo Nacional de Lugares Históricos desde 1977 – deixava de ser um hotel residencial para ser transformado

numa boutique contemporânea de luxo, arrasando o passado, apagando a memória e forçando a saída de quem lá vivia. Protegidos por lei até certo ponto, os residentes viram-se perseguidos e sacrificados com cortes de água e de energia (até no pico do inverno!), vibrações e barulhos ensurdecedores, poluição sonora e poeirenta, etc. Barros aproveitou para revelar com as suas câmaras todo este turbilhão, em séries fotográficas como “Displacement 1” e “2” e vídeos com títulos como “Another Happy Day” ou “The Probability of a Hole”, ambos de 2012, que justificaram uma exposição na Biblioteca da Faculdade de Ciências

e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa em 2014. (Declaração de interesse: fui o curador desta exposição.) Como dizia o outro, a luta continua. Há dez anos que Barros é uma da cerca de meia centena de resistentes. Como aguentar? Como viver e como trabalhar em tais condições, principalmente durante a pandemia, quando as opções externas são muito mais reduzidas? Para acutelar o futuro, Rita Barros desfez-se de mobiliário e objetos pessoais e decorativos e armazenou outro e outros em local seguro, fotografando-os a todos antes do exílio. Hoje, o apartamento 1008 tem as paredes

decoradas com as respetivas cópias em papel. Nas suas palavras: “Ao viver com estas cópias, elas tornaram-se nos ‘objetos reais’. E, como elas absorveram a energia do espaço e do tempo, senti que tinha de documentar esta nova fase, na minha luta para que a minha casa continue a ser a minha casa.” Afinal, o digital-virtual pode ser ainda mais real do que o real! É este trabalho que é agora exposto no Centro Cultural de Cascais: “Room 1008: The Last Days”. Como avaliar o resultado? Notando que a arte de Barros se vem simplificando desde a opulência barroca e cromática dos seus retratos do final dos anos 1980 e princípio dos 90. Reduzidas ao essencial, que é a forma dos seus conteúdos depurados, as imagens tornaram-se abstratas e cada vez mais universais. Uma lição de vida que importa aprender. As fotografias são acompanhadas por um livro de artista, “=1008”, em jeito de acordeão, com 76 fotos distribuídas por 74 páginas e quase 12 metros de comprimento, construído entre 2015-20. Será isto um recorde? Tudo muito bem montado e iluminado numa exposição impecável. O golpe de génio veio com a decisão de complementar a quietude eloquente das fotografias com a algazarra urbana de Nova Iorque numa série de vídeos e fotogramas projetados em ecrã gigante noutra sala. Nestas “NYC Notes” revivem-se as últimas eleições americanas e as recentes causas populares. Muitas lojas fecharam ou estão entaipadas, mas os cartazes, graffiti e o povo berram mensagens e *slogans*: Vote Him Out; Can’t Breathe; We, The People; Democracy Prevail. “Adopt a Dot Today”, anuncia um vídeo da High Line vazia, mas com as marcas do distanciamento físico no chão. O consolo é que a passara continua a cantar, indiferente ao desassossego humano. Das janelas do 1008, Barros filmou uma tempestade de neve surrealisticamente onírica. Como no poema de Augusto Gil: “Caí neve na Natureza...! – E caí no meu coração.” Bye-bye, Chelsea Hotel. ●

ROOM 1008: THE LAST DAYS

Rita Barros
Centro Cultural de Cascais,
até 10 de outubro